

“Gostaríamos de mostrar nosso trabalho”: representações construídas por moradores de rua no jornal comunitário Boca de Rua ¹

Natália Ledur Alles²

Resumo

A partir da ideia de que as pessoas em situação de rua são sujeitos estigmatizados, vistos como dessemelhantes e desumanos por grande parte da sociedade e que não possuem o controle de suas representações midiáticas, o presente artigo busca apresentar as representações sociais por eles próprios construídas ao tornarem-se produtores de um veículo de comunicação comunitária, o jornal Boca de Rua, produzido e vendido em Porto Alegre desde o ano 2000. Com base na análise de edições do jornal e de entrevistas com os integrantes realizadas durante minha pesquisa de mestrado, o artigo demonstra a tentativa de desconstrução de representações hegemônicas e a elaboração de novas representações que reforçam as dificuldades por eles encontradas e afirmam os moradores de rua como sendo seres humanos e cidadãos com capacidade de organização e desejo de interação com outros grupos sociais.

Palavras-chave

Comunicação Comunitária; comunicação e cidadania; representações sociais; pessoas em situação de rua.

1. Pessoas em situação de rua: excluídos, estigmatizados e invisíveis

Presentes em número cada vez mais elevado nas grandes cidades brasileiras, os moradores de rua são percebidos por uma significativa parcela da população como incômodos, amedrontantes ou inúteis. Ao mesmo tempo, são ignorados, já que sua situação de pobreza e os hábitos que permitem a sobrevivência nas ruas os tornam desagradáveis para muitos, tendo assim sua existência invisibilizada. A invisibilidade pública, como coloca Fernando da Costa (2004) faz com que um sujeito desapareça subjetivamente no meio dos outros e seja socialmente humilhado, pois não consegue dialogar com outras pessoas. Esta invisibilidade o exclui politicamente da participação na sociedade, modifica seus relacionamentos e sua percepção de si mesmo. No mesmo sentido, é possível considerar que as pessoas em situação de rua são excluídas devido a um processo de dessemelhança que, conforme Marcel Bursztyn (2003), se dá quando são rompidos os laços de identificação entre os seres humanos. Por considerar os moradores de rua como indivíduos desnecessários à

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista. E-mail: natalia.alles@gmail.com

sociedade, o restante da população rompe sua ideia de solidariedade em relação a eles, o que faz com que quem vive nas ruas não seja visto como um semelhante, como um sujeito merecedor de respeito.

Os moradores de rua também são, conforme o conceito de Goffman (1988), estigmatizados, pois possuem atributos distintivos que dificultam a interação com os outros indivíduos. Por apresentarem peculiaridades que os afastam do que era esperado deles, deixam de ser vistos como sujeitos comuns e tornam-se diminuídos perante os outros. Neste sentido, pode-se pensar que comumente as pessoas em situação de rua são generalizadas a partir de estereótipos que os definem como “sujos”, “drogados”, “vagabundos” ou “possivelmente perigosos” – características que impedem a interação com tais sujeitos ou fazem com que as relações ocorram a partir de um olhar que os criminaliza ou os vitimiza.

Baseando-se em minha dissertação de mestrado defendida em 2010, o presente artigo parte da ideia de que a exclusão dos moradores de rua é instaurada e mantida na sociedade devido à construção de alteridade feita a partir das representações sociais (JODELET, 2006). Para a autora, os meios de comunicação difundem amplamente tais representações de deslegitimação que afastam moralmente um coletivo do campo de valores aceitáveis, desumanizando-os. Embora os problemas sociais não possam ser reduzidos ao que é midiaticamente veiculado, já que muitas questões ou grupos sociais sequer são tematizados pela mídia, Patrick Champagne (1997) defende que tais problemas só têm uma existência visível ao serem abordados pelos meios de comunicação. Ao tornarem-se notícia, contudo, as populações marginalizadas não possuem um controle sobre a fabricação do acontecimento, pois os jornalistas ou outros “especialistas” possuem uma capacidade maior de constituição das narrativas. Além disso, sua vida cotidiana não é interessante para os meios de comunicação de massa, que com frequência não os utilizam como fontes mesmo quando se concentram em temas relacionados aos diversos grupos marginalizados. As coberturas jornalísticas que tematizam os grupos estigmatizados costumam se concentrar nos aspectos excepcionais, especialmente nos fatos relacionados à violência.

Assim, considerando que a mídia hegemônica oferece escassas oportunidades para que as manifestações e opiniões dos grupos marginalizados sejam divulgadas, os meios de

comunicação comunitária constituem-se como relevantes instrumentos para o exercício da cidadania destes grupos. De acordo com Cicília Peruzzo (2007), a comunicação comunitária busca transformar os mecanismos opressores que dificultam o desenvolvimento integral dos indivíduos e, conforme Regina Festa (1986), tais veículos abrem espaços para a apresentação de propostas para mudanças sociais. O jornal comunitário transcende o caráter de veículo informacional, pois atua como instrumento de mobilização da comunidade em torno de seus interesses e lutas (CARNICEL, 2005). Por terem uma estrutura polifônica como característica, os meios de comunicação comunitária costumam contemplar diferentes vozes, o que contribui para democratizar o diálogo e para desconstruir noções preconceituosas sobre grupos e comportamentos (PAIVA, 2007). Ao publicar ideias diversificadas e mostrar outros fatos e opiniões, um meio de comunicação comunitária pode auxiliar na modificação de representações sociais hegemônicas vigentes em determinado meio social.

A partir destas noções, o presente artigo busca analisar as representações sociais que são construídas pelos próprios moradores de rua ao terem a possibilidade de constituir-se como produtores de um veículo de comunicação comunitária, o jornal Boca de Rua, produzido e vendido nas ruas de Porto Alegre desde o ano 2000. Projeto da ONG Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice), o Boca de Rua permite que, a partir de encontros semanais coordenados por uma equipe de jornalistas e profissionais de outras áreas, um grupo de pessoas que vivem nas ruas escreva sobre seu cotidiano e suas dificuldades e também manifeste sua opinião sobre diferentes assuntos relacionados à vivência na capital gaúcha. O jornal Boca de Rua apresenta-se, portanto, como uma forma de ação e expressão de um grupo estigmatizado, excluído, dessemelhante, que busca desconstruir certas representações hegemônicas que os tornam alvo de maior discriminação e fazem com que tais pessoas não sejam vistas como sujeitos.

2. Breves explicações sobre as escolhas metodológicas

A análise aqui apresentada é parte de minha dissertação de mestrado e baseou-se em uma perspectiva de pesquisa participante, já que, entre os anos de 2005 e 2010, integrei a equipe responsável pela publicação do jornal Boca de Rua. A interpretação das representações

foi realizada a partir da análise de conteúdo das matérias principais de oito edições do jornal Boca de Rua, conforme Bardin (2008) e de entrevistas com quatro integrantes do grupo produtor, Tiago, Sidney, Ceco e Paulo³. A seguir são apresentadas algumas representações sociais presentes nos textos do jornal e nas entrevistas com os integrantes que dizem respeito aos relacionamentos dos moradores de rua com o restante da população, ao olhar dos moradores de rua sobre seu próprio grupo e ainda sobre sua relação com os meios de comunicação.

3. Olhares sobre si mesmos

Ao analisar trechos dos textos e entrevistas que abordam a situação de quem vive nas ruas, pode-se identificar uma representação ampla que mostra tais pessoas como sujeitos para quem são disponibilizadas poucas oportunidades na vida em sociedade. Como não há chances de trabalho ou de sustento fora das ruas, surgem diversas dificuldades de sobrevivência e de alimentação. Por isso, o morador de rua é descrito como alguém que tem a necessidade de mendigar para suprir suas carências básicas. A inexistência de oportunidades, porém, não se restringe ao âmbito monetário, pois o jornal coloca que os moradores de rua são desacreditados e não encontram locais em que possam se expressar ou demonstrar suas capacidades: “Também gostaríamos de mostrar nosso trabalho e a capacidade que um morador de rua tem. Basta dar chance” (A FALTA..., 2009, p. 2-3).

A falta de crédito a eles dedicada e a necessidade de apoio são assuntos também na fala do entrevistado Paulo: “*Algumas pessoas estão na rua porque não tem oportunidade, não tem chance, não tem uma pessoa pra incentivar ela sair da rua, então ela prefere ficar na rua, atirada, não tem horário pra comer, não tem horário pra dormir, não tem horário pra arrumar dinheiro*”.

Ao reivindicarem oportunidades de demonstrar suas habilidades, percebe-se uma

³ Todos os entrevistados são homens, pois, no final de 2009, época de realização das entrevistas, apenas três mulheres participavam esporadicamente das reuniões do projeto. No período, o grupo era composto por cerca de 15 integrantes.

representação sobre o morador de rua como sendo um sujeito capaz de atuar em diversas áreas. Na edição de nº 33 (julho, agosto e setembro de 2009), a repetição da palavra *capacidade* reforça a visão de que as pessoas em situação de rua são aptas a compreender, elaborar e defender propostas, marcando inclusive posicionamentos políticos e afirmando uma organização deste grupo social para que suas opiniões sejam resguardadas. A participação dos moradores de rua em fóruns e outros espaços de discussões promovidos por órgãos governamentais demonstra seu papel de cidadãos e sujeitos possuidores de direitos.

Observa-se também uma representação do morador de rua como sujeito discriminado na sociedade, não respeitado pelos demais, especialmente na edição de nº 33 (julho, agosto e setembro de 2009), em que são enfatizados os termos *desprezo, discriminação, desorganização e desrespeito*. Pode-se, portanto, traçar uma ligação entre as noções de que o morador de rua não é reconhecido como igual e de que estas pessoas apresentam problemas de afirmação e aceitação pessoal. Neste contexto, acredita-se que o estigma pode ser aceito pelo indivíduo (GOFFMAN, 1988): ele passa a concordar com a ideia de que ficou abaixo do esperado justamente por possuir uma característica “impura”. A discriminação e as dificuldades de sobrevivência resultam em um desânimo do morador de rua perante a sua condição e geram até mesmo a indiferença quanto à vida e à morte:

A baixa auto-estima é comum entre pessoal em situação de risco social, especialmente quem mora na rua. Muitos acreditam que viver e morrer é questão de sorte ou depende “da vontade de Deus”. Por isso, é bem normal procurarem assistência médica só quando já estão morrendo (A SAÚDE..., 2008, p. 2-3).

As entrevistas também mostram o desânimo que acomete quem vive nas ruas: “[...] muita gente que mora na rua, a maioria do dia, da noite, eles passam drogados, porque ficam deprimidos, né” (SIDNEY). “Então parece que as pessoas vão desgostando da vida, sabe? E aí é o momento da gente procurar um apoio [...]” (PAULO).

Compreende-se que as matérias constroem uma representação sobre as pessoas em situação de rua como sendo sujeitos que vivenciam várias dificuldades: são desrespeitados, sofrem com a baixa auto-estima e a depressão, passam fome, precisam pedir dinheiro para sobreviver – são vistas, portanto, como pessoas vitimizadas e vulneráveis. A ênfase na capacidade do morador de rua, por outro lado, contrapõe essa noção, mostrando-os com possibilidades de assumir o papel de protagonistas em suas lutas e reivindicações.

Ao abordarem a forma como os demais moradores da cidade são enxergados por quem vive na rua, é possível perceber uma representação dicotômica que divide a população entre a que trata bem e ajuda os moradores de rua – sobretudo no que se refere à alimentação – e a que desrespeita e discrimina este grupo social.

Os “macaquinhos” são sacos com comida colocados por pessoas de apartamentos e casas nas grades, nas cercas e nas árvores. Geralmente são pessoas com mais idade ou bem novas que têm solidariedade. Uma vez André ia passando e uma vovó disse: “Tem comida quente ali”. Nas sacolas, às vezes tem bolo, pão, quindim, café, bala, arroz, massa, feijão, carne, churrasco, bolachas recheadas - tudo separado em pacotes (VOCÊ..., 2002-2003, p. 2-4).

Realiza-se também uma separação entre aqueles considerados ricos, que não se assemelham à população de rua, e os pobres, com os quais os moradores de rua conseguem se identificar. Pela análise, conclui-se que as pessoas que não vivem na rua são divididas entre boas e más e entre aquelas que são diferentes - que estão muito distantes da realidade das ruas – e as que são parecidas, ou seja, que compartilham experiências e dificuldades com os sujeitos em situação de rua.

A maior parte das referências sobre a relação com os outros habitantes aponta que os moradores de rua são tratados com hostilidade e desconfiança, ao mesmo tempo em que também dedicam ao restante da população um tratamento indelicado. Os textos relatam a postura preconceituosa de alguns e afirmam que muitas pessoas não conseguem olhar para o outro como semelhante ou se colocar no lugar do morador de rua. Assim, percebe-se uma representação das demais pessoas como injustas em seus julgamentos: “Uma sociedade que age egoisticamente, visando apenas ao seu bem-estar. Se M.A. e tantos milhões de crianças e adolescentes chegam às ruas para poder sobreviver, a sociedade é, sim, culpada por este flagelo social” (VOCÊ..., 2002-2003, p. 2-4).

Identifica-se que, para o morador de rua, as outras pessoas o percebem como sujo, criminoso, incômodo. Sua situação de miséria é criminalizada quando são considerados ladrões pelo fato de morarem na rua. O ato de pedir nos sinais é visto como crime, ao mesmo tempo em que a retirada das crianças e adolescentes das ruas é percebida apenas como uma forma de acabar com o constrangimento que eles causam aos habitantes de Porto Alegre:

Falam muito em tirar as crianças da rua. Na verdade, eles querem é que as pessoas não sejam constrangidas.

Mas pedir é crime? Esta no Código Penal? É crime segundo a sociedade. Quem tá na sinaleira, cuidando carro, não é reconhecido legalmente, porque estaria cobrando pedágio e só quem pode cobrar pedágio é o governo (MALABARISMO..., 2005, p. 2-3).

As representações encontradas nos textos e entrevistas demonstram, portanto, que as relações dos moradores de rua com o restante da população são predominantemente difíceis e conflituosas. Ao perceberem que são vistos como um incômodo para a vida na cidade, muitas vezes passam a se sentir como tal. A participação no jornal Boca de Rua, contudo, parece modificar de alguma forma esta percepção.

3.1 “Antes eu não era visto”: novos olhares sobre integrantes do Boca de Rua

Ao analisar as menções sobre os participantes do projeto Boca de Rua, nota-se que o pertencimento a esta coletividade parece distingui-los dos moradores de rua em geral, pois permite que eles transitem por locais e estabeleçam relações que as demais pessoas em situação de rua não conseguem acessar por não terem o respaldo do projeto. O participante do jornal não se enxerga “apenas” como um morador de rua, mas como alguém que possui outro papel na sociedade. Distancia-se, portanto, de ser somente um sujeito estigmatizado, pois é valorizado em alguns aspectos e por certos grupos que leem a publicação. A partir disto, convém refletir sobre uma possível mudança no posicionamento destes sujeitos na estrutura social: por firmarem o vínculo com o jornal, podem ser vistos como menos excluídos do que os moradores de rua que não estão ligados a um projeto ou instituição que tenha visibilidade. Ser “jornalista” e “jornaleiro” confere a eles uma posição menos marginalizada na hierarquia social.

A mudança de representação proporcionada pela participação no jornal é percebida de maneira mais explícita nas entrevistas. Conforme Ceco, ser integrante do Boca de Rua modificou a forma com que ele é visto pelo restante da sociedade:

Mudou a minha visão, porque antes eu não era visto pela sociedade, eu era excluído, depois que eu comecei a fazer parte do Boca a sociedade passou a me ver com olhos diferentes, até a polícia, a polícia passa e o cara tá com o crachá, com o material, eles até param para conversar com o cara, não conversam arrogantemente, conversam com o cara mais suave, tratam o cara normal. [As pessoas] param o cara na esquina, conversam com o cara. Antigamente não tinha isso, antes de eu fazer parte do jornal, passava por eles de cabeça baixa e eles nem bola, hoje eu tento passar de cabeça baixa e eles tão me chamando, “E aí Ceco,

como ta o jornal? Sobre o que vocês tão falando?” (CECO).

“O cara aprende mais [no Boca de Rua], o cara fala com bastante pessoas. Teve um tia que parou de carro pra falar comigo, pra falar sobre o jornal e pá. Parou com o carro ali na rua pra falar sobre o jornal, ela comprou o jornal de mim” (SIDNEY).

Às vezes eu estou na sinaleira, vendo nas mesas da Lima e Silva e converso muito com as pessoas, gosto muito de conversar, e as pessoas até incentivam, dizem “que bom que vocês estão aí, fazendo esse jornal, não tão fazendo coisa errada” [...]. As pessoas na rua gostam muito do jornal. Tem pessoas que a gente ta passando, nem ta vendendo o jornal, chamam o cara pra comprar o jornal, conversar, dizer que é muito bom as matérias do jornal (PAULO).

Ao mesmo tempo em que amplia as chances de que contatos sejam estabelecidos, fazer parte do grupo concede aos moradores de rua um estímulo para que permaneçam na busca por seus direitos – o que pode ser identificado nos trechos em que afirmam que não vão desistir e continuarão exigindo e cobrando respeito.

4. O olhar dos moradores de rua sobre os meios de comunicação

Por fazerem parte do processo de produção de um veículo de comunicação, julgou-se importante compreender de que forma os integrantes do Boca de Rua avaliam o conteúdo distribuído pelos demais meios de comunicação, especialmente em matérias que possuam relação com os moradores de rua. Contudo, a análise das matérias publicadas nos jornais permite perceber que os meios de comunicação não ocupam grande espaço nas reflexões propostas pelo jornal Boca de Rua. As entrevistas, por sua vez, revelam que os integrantes têm pouco contato com os demais meios de comunicação e tampouco conhecem o que é difundido sobre as pessoas em situação de rua nestes veículos, já que a permanência nas ruas dificulta o acesso às informações⁴.

Nas entrevistas, os integrantes questionam-se sobre o interesse dos meios de

⁴ Em trabalho anteriormente realizado com os integrantes do Boca de Rua, concluiu-se que os meios de comunicação são mais utilizados pelos moradores de rua para atividades de lazer, como escutar música ou assistir a filmes quando estão nos abrigos e albergues ou na casa de familiares (ALLES, 2007). A emissora de rádio Farroupilha e o jornal popular Diário Gaúcho, ambos pertencentes ao Grupo RBS, são os mais citados pelos integrantes do projeto por considerarem tais veículos como mais próximos da realidade da população de rua.

comunicação em tornar conhecido o lado da população de rua. Percebe-se que há uma preocupação com a generalização que é feita dos moradores de rua nos diferentes meios de comunicação, com ênfase nas características consideradas negativas na construção de estereótipos, como demonstra a fala de Tiago: “[Os meios de comunicação] *retratam como se fossem um todo o pessoal que mora na rua, onde um faz uma coisa errada e muitos pagam o pato por cima disso, dessa coisa errada que um fez*”.

Eles afirmam que os meios de comunicação não contemplam a experiência destes indivíduos quando abordam a vida nas ruas. Desta forma, avalia-se que estes sujeitos são desconsiderados como fontes da grande mídia – sua fala é considerada desimportante ou desinteressante na análise das questões relacionadas aos problemas sociais:

Eles não mostram o nosso lado. Não vêm conversar com a gente pra gente explicar a nossa situação. Eles vêm e botam o que querem, na Zero Hora, na televisão, sobre o morador de rua, eles não vêm falar com a gente pra gente explicar o que a gente quer, o que a gente precisa, o apoio que a gente precisa do governo, da prefeitura de Porto Alegre, pra poder sair da rua (PAULO).

Mesmo que não apareça nas matérias, as entrevistas levam à compreensão de que a mídia constrói representações equivocadas sobre os moradores de rua. Ceco aponta ainda que os meios de comunicação tratam de formas distintas os cidadãos, dependendo de sua classe social. Os pobres são discriminados e rotulados como “bandidos”, enquanto as atividades ilícitas dos indivíduos de classes sociais economicamente favorecidas são atenuadas pela mídia. Portanto, as escassas referências aos meios de comunicação de massa constroem uma representação negativa com a alegação de que os veículos não disponibilizam espaço para os discursos dos moradores de rua e conferem um tratamento discriminatório aos grupos marginalizados. Mesmo que não pareça um assunto relevante nas discussões propostas pelo Boca de Rua, percebe-se que a reflexão sobre a mídia leva a uma concepção da mesma como fator prejudicial à convivência pacífica das pessoas em situação de rua com o restante dos habitantes da cidade.

O jornal Boca de Rua é, por sua vez, reconhecido pelos entrevistados como um representante do grupo das pessoas em situação de rua, capaz de reunir os desejos e problemas da população de rua e apresentá-los àqueles que desconhecem esta realidade. Para

Tiago, o jornal difere de outros veículos de comunicação por não generalizar os moradores de rua como sendo todos idênticos:

[O Boca de Rua] retrata os moradores de rua como é a realidade da rua [...]. O Boca fala a realidade de pessoas que fazem coisas boas e ruins, faz uma separação das coisas, não uma coisa inteira, uma coisa que um fez e os outros pagam o pato [...]. Participo do jornal porque a gente tá mostrando a realidade pra justamente fazer uma separação do joio do trigo. Não como um cara que faz uma coisa errada e quem tá na rua tem que pagar o que o outro fez, é uma visão falsa do pessoal que mora na rua como um todo. Essa separação aí que o jornal Boca de Rua faz.

Paulo, por sua vez, acredita que o periódico poderia abordar mais temáticas sobre a vida nas ruas, concentrando-se menos em outros acontecimentos da cidade:

[...] a gente tinha que entrar mais a fundo sobre o objetivo do Boca de Rua, que é o morador de rua, eu acho que tá fugindo muito dessa parte do morador de rua. Eu sei que tem que falar o que acontece, as coisas boas que tem em Porto Alegre, mas tinha que ter uma parte pra falar mais dos moradores de rua, porque tem pessoas que moram na rua, que têm crianças, que não usam drogas, que querem uma oportunidade pra sair da rua.

Identifica-se na fala de Paulo a ideia de que as matérias publicadas no jornal podem auxiliar alguns indivíduos a deixarem as ruas. A concessão de espaço para que as pessoas se manifestem é vista, portanto, como uma oportunidade de mudança de vida.

As referências aos meios de comunicação, tanto nas entrevistas quanto nas matérias, permitem identificar a construção de representações distintas. Os meios de comunicação de massa são percebidos como espaços inacessíveis à população de rua e que não se preocupam em contemplar o olhar dos moradores de rua sobre questões pertinentes à sua realidade. O Boca de Rua, por sua vez, é compreendido de distintas formas: como espaço de expressão dos moradores de rua, como projeto que demonstra a capacidade deles como “repórteres”, como local para a troca de conhecimento e como ponto de apoio e auxílio àqueles que desejam sair das ruas.

Considerações:

A partir do que foi até aqui apresentado, pode-se considerar que os integrantes do projeto Boca de Rua utilizam as páginas do jornal para construir representações que os distanciam da condição de desumanos e incômodos que lhes é atribuída em outros veículos



comunicacionais ou pela sociedade em geral. Ao relatarem suas dores, seus sentimentos, seus problemas, seus motivos para a vida nas ruas e suas aspirações, expondo inclusive suas fraquezas, pretendem se mostrar como seres humanos comuns que, mesmo vivendo em uma situação de extrema miséria, conservam a capacidade de reflexão. O espaço propiciado a estes sujeitos pela comunicação comunitária adquire um caráter de possível modificador dos olhares alheios sobre a população de rua: ao tornarem evidente sua humanidade, podem ser mais respeitados, menos estigmatizados e menos marginalizados.

É notório, contudo, que a comunicação social é parcamente tematizada nas matérias do jornal. Embora o Boca de Rua atue por vezes como um contraponto à mídia, pouco se percebe uma criticidade em relação ao que é veiculado pelos meios de comunicação de massa. As observações sobre a comunicação estão presentes nas entrevistas, mas são suscitadas pela pesquisadora. As respostas recebidas demonstram que os integrantes possuem acesso escasso aos meios de comunicação e que raramente pensam sobre o modo como seu grupo é retratado por outros veículos. Assim, embora se perceba que as representações construídas comumente tenham como objetivo modificar as representações hegemônicas sobre os moradores de rua que circulam na sociedade, tais representações são pouco citadas no jornal, especialmente as distribuídas pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FALTA que o Boca fez no II Encontro Nacional sobre População de Rua. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano VIII, n. 33, p. 2-3, jul./set. 2009.

A SAÚDE anda mal. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano VII, n. 30, capa, p. 2-3, out./dez. 2008.

BURSZTYN, Marcel. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CARNICEL, Amarildo. O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões. In: FUSER, Bruno. *Comunicação alternativa: cenários e perspectivas*. Campinas: PUC-Campinas/Centro



de Memória da Unicamp, 2005.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

GOFFMAN, Erving. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MALABARISMO da sobrevivência. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano V, n. 16, capa, p. 2-3, mar./jun. 2005.

PERUZZO, Cicília M. K. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (Org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

VOCÊ não sabe o que é fome. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano II, n. 7, capa, p. 2-4, nov./dez. 2002, jan. 2003.